

**BRUNA BILLIO WUO**

**JOVEM HOJE, VELHO AMANHÃ:  
A VISÃO DO JOVEM SOBRE O ENVELHECIMENTO – UM  
ESTUDO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

**Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2008**

BRUNA BILLIO WUO

JOVEM HOJE, VELHO AMANHÃ:  
A VISÃO DO JOVEM SOBRE O ENVELHECIMENTO – UM ESTUDO  
DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para graduação no curso  
de Psicologia, sob orientação da Professora  
Doutora Fani Eta Korn Malerbi

Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2008

## Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe. A essa mulher que por tantas vezes me animou com seu jeito espontâneo e “maluco” de ser! Ela me ensinou o sentido da palavra (re)construção. Mesmo nos momentos em que a vida se fazia instável (sem nem ao menos colocar um aviso afixado na porta: estamos de mudança), minha mãe esteve comigo. É a minha amiga, companheira, inúmeras vezes cúmplice, mãe e irmã. Minha mãe me ensinou a arte de amar (e acho que ela nem faz idéia!). Amar quem a pessoa é sem se apaixonar pelas idéias de quem ela possa ser ou quem gostaria que fosse, amar o passado que se foi apesar do que passou, amar simplesmente... não essa “coisa piegas”, mas um amor que não se escreve pois a escrita torna-o pobre e limitado.

A meu pai agradeço todas as noites de trabalho se preocupando com meu futuro financeiro. Apesar de ele não acreditar nisso, valorizo todo o esforço que ele fez e tem feito para que eu possa ter independência financeira. Espero que nunca deixe o pouco que vivemos virar um “branco” e de domínio do esquecimento.

Aos meus irmãos, Lico, Juju, Beto e Ro, agradeço todos os dias pelas alegrias, brincadeiras, conversas, brigas e reconciliação. É a família que permanece! Amo vocês!

Agradeço a minha orientadora, Fani, pela dedicação que teve com o meu trabalho. Pelo esforço em entender o que eu queria dizer e traduzir as minhas idéias (foi difícil, eu sei!).

Agradeço, principalmente, aos professores Saadeh, Ziza, Edu e Marina Gomes que me ajudaram a realizar esta pesquisa cedendo alguns minutos em suas aulas e pelos incentivos que não dispensavam quando nos encontrávamos pelos corredores da PUC.

Aos meus amigos da escola e da faculdade agradeço os momentos ótimos que passamos juntos. Agradeço pelas muitas risadas, principalmente às em momentos inadequados, e pelo carinho que sempre me receberam.

Ao Vitor, agradeço pelos encontrões no meio do caminho, pelas incertezas e inseguranças que tanto me enlouquecem! Com ele aprendi que a confiança e o amor pesam devido à responsabilidade em senti-los. Aprendi que todo começo de relacionamento é difícil porque temos que combater o medo de começar, de se expor de forma nua e crua. “Mas fazer o que, né? É inevitável e recíproco!” E as “cabeçadas” e “tombadas” são muitas, mas todas valem a pena! Com ele posso ser o que eu quiser, quando e como quiser. E eu sinto... e é... de forma única.

*Se os jovens soubessem...*

*Se os velhos pudessem...*

Provérbio francês.

Dedico este trabalho à  
minha avó Ada, que com seus  
oitenta e cinco anos de idade ainda  
tem planos para os cento e vinte!

*In memoriam*, meu avô  
Áureo.

Bruna Billio Wuo: Jovem hoje, velho amanhã: a visão do jovem sobre o envelhecimento – um estudo de representação social, 2008.

Orientadora: Professora Doutora Fani Eta Korn Malerbi

Palavras-chave: Gerontologia, jovem, envelhecimento, representação social.

### **Resumo**

O presente estudo tem como objetivo identificar as representações sociais dos jovens alunos de Psicologia a respeito do envelhecimento, conhecer suas percepções sobre o idoso e sobre suas próprias velhices e verificar se sua visão sofria alteração no decorrer do curso. Foram entrevistados 106 estudantes que cursavam do primeiro ao quinto anos da faculdade de Psicologia, com idades até vinte e cinco anos, utilizando-se um questionário com 35 questões, sendo cinco abertas e as demais fechadas. Os resultados mostraram que os jovens percebiam o envelhecimento de forma a valorizar as experiências e vivências dos idosos, que enxergavam o velho como capaz e a velhice repleta de aspectos positivos. Com relação ao próprio envelhecimento, os jovens alunos demonstraram que reconhecem o envelhecer não como um processo específico da velhice, mas como um movimento natural e presente no decorrer de suas vidas. Atribuem características de valorização dos idosos que serão e suas expectativas são positivas, apesar de terem relatado angústia e temor ao pensar sobre as doenças e limitações que a velhice pode trazer. Foi percebido no estudo que a visão que os jovens possuíam a respeito do envelhecimento não sofreu alteração ao longo dos anos cursados, assim como foi constatado que o contato com senescentes que a faculdade de Psicologia oferece a seus estudantes é baixo.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>01</b>
Considerações Demográficas sobre o Envelhecimento da População no Brasil.....	02
Aspectos Psicológicos Relacionados ao Envelhecer.....	04
Sobre as Representações Sociais.....	11
Definição do Problema e Objetivos.....	14
<b>Metodologia.....</b>	<b>16</b>
Participantes.....	16
Instrumento.....	16
Procedimento.....	18
<b>Resultados.....</b>	<b>20</b>
<b>Discussão.....</b>	<b>40</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>48</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>49</b>
<b>Bibliografia Consultada.....</b>	<b>52</b>
<b>Anexo 1 – Questionário.....</b>	<b>54</b>
<b>Anexo 2 – Termo de Consentimento.....</b>	<b>60</b>

*"Eu fiz um acordo  
de coexistência pacífica  
com o tempo:  
Nem ele me persegue;  
nem eu fujo dele.  
Um dia a gente se encontra..."*

Mário Lago

### **Introdução**

Já não nos soa mais estranho ouvir que o número de pessoas com cem anos tem aumentado. Enfrentamos na atualidade a questão do aumento da expectativa de vida e tal aspecto não está restrito somente a alguns países. Os indivíduos estão vivendo mais e o número de pessoas idosas vem crescendo na população mundial, fenômenos estes que requerem um novo campo para pesquisas e produção de conhecimentos.

A questão do envelhecimento populacional e sua relação com as necessidades específicas dos grupos que vão adquirindo representatividade nas sociedades envolvem discussões que, muitas vezes, conduzem ao exame minucioso de cada situação. As populações com elevada proporção de pessoas idosas podem ter prioridades econômicas diferentes e necessidades de instituições distintas se comparadas àquelas sociedades formadas por uma elevada participação de crianças e jovens.

As preocupações a respeito de assuntos que envolvem a velhice e o processo de envelhecimento aumentam e amplia-se o campo de conhecimento uma vez que

estas questões não se restringem somente à pessoa idosa, mas abordam o ambiente familiar, a sociedade e o próprio indivíduo seja este jovem ou velho.

O que fazer com os velhos? Como lidar com eles? Como os velhos se vêem? Como a família e a sociedade encaram a pessoa idosa? Como estamos envelhecendo? São algumas questões para as quais a Gerontologia, área que tem como objeto de estudo os idosos e os fatores relacionados ao envelhecimento, vem procurando as respostas.

Faz-se necessário ressaltar a importância de alguns indivíduos que contribuíram de forma significativa para a sociedade mundial quando idosos, tais como: a escritora Rachel de Queiroz que produziu sua obra-prima, *Memorial de Maria Moura*, aos 84 anos; Winston Churchill, que dos 66 aos 71 anos, liderou seu país na luta contra Hitler e manteve-se ativo até quase o fim de sua vida; o "fenômeno" Barbosa Lima Sobrinho, que atingiu quase 102 anos de vida ativa e militante, é outra glória do time dos países em desenvolvimento; José Saramago, o primeiro escritor de língua portuguesa a conseguir o Prêmio Nobel – aos 76 anos –, continua produzindo um livro por ano na ilha de Lanzarote; quanto a outro Nobel, Gabriel García Márquez, confessou que seu maior medo é parar de produzir – a vacina contra esse medo, segundo diz, é escrever todos os dias, procurando ainda novas formas de expressar-se. Ter uma ocupação interessante é mesmo o melhor caminho para prolongar a vida.

### **Considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil**

Em vários países, é possível verificar um aumento da expectativa de vida e crescimento da população idosa. Prada (2002) comenta que o envelhecimento demográfico das populações é um fenômeno irreversível nas sociedades modernas e se processa em um ritmo acelerado. Nunca houve, na história da humanidade, uma população tão grande e com tais características, isto é, com o segmento idoso (pessoas com mais de 60 anos) crescendo mais do que os outros, tanto nos países

desenvolvidos, como nas nações em desenvolvimento. Nunca os indivíduos viveram tanto. Para Prada (2002), trata-se de uma revolução social em marcha no mundo – silenciosa, contínua, inexorável que vem se processando, inobservada há algumas décadas – *é a revolução da longevidade, também chamada de revolução demográfica; não há mais como ignorá-la* (p. 42).

Segundo os dados da Síntese de Indicadores Sociais do IBGE (2006) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – no ano de 2006 o número de pessoas de sessenta anos ou mais era superior a dezoito milhões, correspondendo a quase 10% da população brasileira. Esse grupo, que cresce ano a ano, aumentou em mais de cinco milhões de pessoas entre 1995 e 2005. Em tal faixa etária, os maiores índices de crescimento estavam entre as pessoas com oitenta anos ou mais. As mulheres correspondiam à maioria, numa razão de 62 homens para cada 100 mulheres.

Na pesquisa realizada pelo Censo Demográfico de 2000 constatou-se que os centenários que no Brasil somavam 13.865 em 1991, em 2000 chegaram a 24.576 pessoas, ou seja, houve um aumento de 77%. Acredita-se que em 2050 o número de centenários irá aumentar 15 vezes, se aproximando de 2,2 milhões (IBGE, 2000). Muitas pessoas continuam com uma vida ativa mesmo depois dos noventa anos (como é o caso da atriz Dercy Gonçalves, que no começo desta pesquisa estava viva e com 100 anos, mas que veio a falecer com 101 anos de idade), mas também há idosos com doenças e sofrimentos que se prolongam por anos.

Segundo os Indicadores Sociodemográficos para o Brasil de 1991 – 2030 (IBGE, 2006), o efeito combinado da redução dos níveis da fecundidade e da mortalidade no país resultou em uma alteração na nova composição etária da população, que já pôde ser percebida no Censo de 2000. Assim, com os dados de tal Censo foi comprovado o início do processo de transformação do perfil demográfico da população do Brasil. Até então, a série de informações que se possuía permitiam estabelecer que as estruturas etárias passadas da população caracterizavam o Brasil como um país predominantemente de jovens.

Com os resultados do Censo Demográfico de 2000 pode-se perceber claramente que a população caminhava a passos largos rumo a uma transformação no padrão demográfico com predominância da população adulta e idosa.

As projeções mundiais para as próximas décadas afirmam que um quinto da população será idosa e corresponderá a, aproximadamente 1,900 milhão de pessoas (IBGE, 2006). Dessa forma, a julgar pelas hipóteses dos Indicadores Sociodemográficos e pelos dados projetivos do Censo Demográfico de 2000 pode-se inferir que o perfil demográfico da população do Brasil ainda terá uma longa jornada de transformações, mas o país caminha rapidamente rumo a um padrão etário cada vez mais envelhecido, o que reforça a necessidade de se pensar e criar discussões a respeito desse novo contingente de adultos e idosos que cresce cada vez mais velozmente.

Assim, pode-se concluir que impactos em ordem crescente são esperados nas áreas social, econômica, cultural, política e da saúde. Toda a sociedade, sem exceção, será afetada pelo envelhecimento populacional, fenômeno de caráter multidisciplinar que deverá ser analisado e estudado por diferentes áreas do conhecimento.

### **Aspectos psicológicos relacionados ao envelhecer**

Neri (1991) afirma que *“o tempo é um ente natural que determina o destino dos homens, ao permitir a vida a cada dia, mas a leva consigo à medida de seu transcurso.”* (p. 24). Dessa forma a autora expressa um fato precioso na vida dos indivíduos: a passagem do tempo. Sem cessar jamais, o tempo é uma profusão de acontecimentos. O tempo é um fluxo constante que nasce no passado e passa pelo presente, empurrando-o rumo ao futuro. O tempo se escoa, se esvai, desaparece, mas é vivido por todos e sua efemeridade ocorre para todos. Ele pode desgastar, amadurecer e também devastar as pessoas. Porém, a forma como cada indivíduo

lida com o tempo o torna peculiar. E por isso algo que se faz comum a todos é também, paradoxalmente, diferente e único para cada um de nós.

O envelhecimento é um processo que é vivido pelas pessoas como difícil. Envelhecer é um fenômeno que começa desde o dia em que nascemos, e que se dá todos os dias. Desde quando acordamos até a hora em que vamos dormir estamos envelhecendo. Porém, a sociedade elegeu uma fase de nossas vidas para designar como velhice e associou a esta uma série de aspectos negativos como decrepitude, impotência, morte e doença.

Contudo, deve-se atentar para o fato de estarmos sujeitos a tais infortúnios durante toda a nossa existência, ou seja, não é preciso que sejamos velhos para sentirmos impotência, pois se perguntarmos a um jovem que mora com os pais sobre sua condição de filho que tem que respeitar as regras impostas pelos pais, mesmo que não concorde com elas, exclusivamente porque mora com eles, este também saberá o que é sentir-se impotente frente a uma situação. Se tais eventos ruins ocorressem somente em uma fase específica de nossas vidas, no caso na velhice, então, as doenças só nos afligiriam quando fôssemos velhos, o que é uma grande ilusão.

Torralha (2006) comenta que a noção de velhice que vigora em nossa sociedade está associada com um fim da vida ativa, mudanças fisiológicas “irreversíveis”, aposentadoria, um momento em que deixamos de ser produtivos. Porém, “envelhecer é nosso destino e a forma como encaramos esse processo pode trazer desprazer e dor, se continuarmos a nos relacionar desse modo com esse momento da vida” (p.192). Afirmando esta noção de envelhecer que se mantém na sociedade, Lima (2007) acrescenta que quando se fala em envelhecimento tem-se o hábito de referir à cronologia como grandes somatórias de anos, considerando que só os velhos envelhecem e com o agravante deste processo estar sempre associado às doenças.

Assim, tendemos a atribuir, às diferentes etapas da vida, concepções pré-estabelecidas tais como na velhice encontramos pessoas tipicamente indispostas,

ranzinhas ou chatas, enquanto que na juventude vigora a imagem de plena disposição para atividades, simpatia e bom humor. Porém, em minha observação de centros de convivências de idosos, pude constatar que tais concepções não possuem embasamento real, uma vez que o número de participantes em tais centros só aumenta. Esses locais oferecem muitas atividades aos senescentes tais como aulas de yoga, dança de salão, carteados, psicoterapias grupais. Em tais instituições, os idosos podem manter o vínculo de amizades, possibilitando assim a ampliação de sua rede social promovendo a socialização. Juntamente com o vínculo social os centros também oferecem as atividades físicas que permitem que os velhos se mantenham saudáveis e ativos em suas próprias vidas. Dessa forma, os idosos freqüentadores dos centros demonstram disposição e bem estar contradizendo as concepções esperadas e superando tais mitos.

Calderoni esclarece que existem ainda preconceitos, esteriótipos, mitos e medos quando se fala em velhice. O velho ainda é considerado por muitos como alguém que existiu no passado, e a velhice como uma etapa sem significados a serem aprendidos cujo objetivo é esperar a morte chegar.

Segundo Calderoni (2006):

*Todos entendemos que envelhecer é um processo intrínseco, natural e inexorável (...) No entanto, tendemos a nos assustar quando o espelho nos revela a marca da idade. Como se pudéssemos querer somente as benesses de uma vida longa sem o ônus que o passar dos anos pode trazer. (p. 35)*

Zimmerman (2000) aborda a questão a respeito do processo de envelhecimento na sociedade em que vivemos sob o ponto de vista do campo das expectativas que os jovens têm sobre o futuro. A autora relata que hoje em dia, quando perguntamos aos jovens o que esperam do futuro, os conteúdos projetados que aparecem são o de ser adulto, saudável, formado, com uma profissão e ganhando dinheiro. O velho simplesmente não está presente nas projeções que as crianças, os adolescentes e os jovens fazem a respeito do futuro e, quando se fala em envelhecimento, “a imagem

que vem à mente é a de um sapato gasto, furado e que, portanto, já não serve para mais nada” (p. 28). Tal pensamento tem como resultado o aumento do estigma de solidão quando tais jovens pensam sobre o velho, pois segundo a autora, com uma imagem tão negativa sobre o envelhecer “quem irá acompanhar os velhos a não ser a própria solidão?” (p.45).

O envelhecer é desconsiderado não só nas projeções feitas pelos jovens. Quando falamos no significado da beleza, a sociedade como um todo privilegia o frescor e a juventude, negando a beleza que também está presente na velhice. Segundo Arantes et al (2007) “No amálgama de valores pululantes da contemporaneidade, manipulados pela mídia, o novo conceito ou pré-conceito da beleza chamou nossa atenção, pois ele não se apresenta como adjetivo da longevidade. Mas sim como uma metáfora visual da velhice, onde o importante é ser jovem” (p.10). Dessa forma, os padrões sociais atuais de beleza e estética baseiam-se somente na ótica do jovem, exaltando a juventude e, portanto, como consequência tem-se a condenação do envelhecimento.

A desqualificação social do envelhecimento faz com que a pessoa idosa não seja respeitada pelo outro, desvalorizando toda a sua sabedoria e história de vida. Isso acarreta dor e sofrimento para o próprio indivíduo, uma vez que aos velhos está sendo negada a possibilidade de troca de suas experiências adquiridas com as outras gerações. Dessa forma, neste quadro, cujas características positivas da velhice tais como sua história de vida, seu passado e suas memórias se vêem desvalorizados, resta ao idoso o silêncio chamado por Torralha (2006) de “potência de vida”.

Esta forma de encarar o envelhecer salientando-se somente os aspectos negativos e negligenciando-se os aspectos positivos não é vivido somente por parte dos jovens e das crianças. O fenômeno cultural da desvalorização das experiências dos senescentes é vivido pelo próprio idoso. O velho se autodiscrimina, vendo-se como um peso morto, cujo papel já foi desempenhado e é alguém dispensável agora.

A pesquisa realizada por Neri (1991) investigou os significados de velho e da velhice em estudantes brasileiros não idosos. Abordou os temas sobre o envelhecimento, características da personalidade, lazer, atividades, ocupação, aspectos do próprio envelhecer, entre outros, e percebeu que os jovens vêem o idoso como doentio, dependente, rejeitado, desvalorizado, exigente e intrometido, confirmando a percepção depreciativa e preconceituosa frente aos idosos e ao envelhecimento. Assim, os mitos e estereótipos presentes na visão da juventude sobre a velhice contribuem para que o envelhecer seja tratado como um problema a ser evitado.

Fica claro que, mediante o descaso social frente ao envelhecimento, tal fato atinge também a auto imagem dos idosos, gerando um conhecimento social de que envelhecer é um processo de perda de sentido e significado. Isto acaba por repercutir na imagem e nos valores que o próprio idoso faz de si. Assim, forma-se um círculo vicioso em que a sociedade não atribui valor aos idosos, estes também se vêem sem reconhecimento na esfera social, o que atinge a identidade e auto estima dos idosos levando-os a desacreditar de seu devido valor.

Com a finalidade de estudar a percepção que os idosos têm sobre si mesmos e poder analisar o círculo vicioso em que estariam inseridos os senescentes, Lesbaupin (2006) realizou uma pesquisa com dez idosos frequentadores de uma Universidade para a Terceira Idade particular. Porém, diferentemente das expectativas, os idosos do estudo disseram que se sentiam amparados e compreendidos pelo grupo social e que percebiam que a sociedade os via de forma positiva. A autora concluiu que os idosos possuíam uma auto imagem positiva, que se mostravam satisfeitos com o que eram, com o que faziam e com a vida que levavam. Além disso, os participantes da pesquisa avaliaram que o contato que possuíam com suas respectivas famílias era intenso, satisfatório e permeado pelo sentimento de utilidade no relacionamento com elas. A autora discute esses resultados, lembrando a especificidade do grupo investigado pertencente às classes média e alta e possuindo uma renda diferenciada da maioria dos aposentados, o que provavelmente permitiu que estes ocupassem seu tempo com atividades voltadas

ao lazer e não ao trabalho, e também freqüentassem uma Universidade da Terceira Idade. Lesbaupin (2006) sugere que os resultados talvez fossem distintos se a pesquisa fosse realizada com idosos asilados.

Bruno (2002) comenta que a importância da transformação, ou seja, do ser idoso ressignificar sua própria vida, dando-lhe novo rumo, traz a idéia de que a velhice é a continuação da nossa vida, assim como é a infância, adolescência, juventude e a idade adulta. É saber que na velhice o idoso também pode se sentir útil, expandir os sonhos, percorrer o envelhecer com novas realizações, desejos e criatividade. Segundo a autora, o velho necessita de estímulos significativos diante de sua história. Ele precisa ser visto como único para que não viva sua vida como se esta já estivesse acabada, ou seja, sem perspectivas no caminho do envelhecer, apenas esperando passivamente pelo fim.

Além de enfrentar a ressignificação de sua vida, o idoso também luta contra os mitos que permeiam o envelhecimento como os que o relacionam com doenças ou com dependência, uma imagem de que na velhice o indivíduo retrocede para a idade infantil uma vez que por vezes necessita de cuidados para realizar tarefas comuns como tomar banho e comer. Arantes et al (2007) citam outros mitos: os idosos não são capazes de aprender coisas novas, dificilmente mudam seu comportamento após certa idade, mesmo que esta mudança traga benefícios à saúde e bem-estar geral; acredita-se que escolher bem um companheiro quando jovens, ou seja, optar pelas pessoas mais bonitas e com corpos saudáveis garantirá que seus filhos possam ter um envelhecimento com qualidade de vida, enfatizando somente os fatores genéticos e deixando de lado os fatores sociais e comportamentais que contribuem para a saúde do idoso; os velhos são geralmente não produtivos e não servem para nada; entre outros. Tais mitos, preconceitos e esteriótipos estão difundidos na população em geral e, portanto, estão presentes nas idéias que as próprias pessoas fazem sobre a velhice. É o velho que também se vê como condenado, incapaz, sem perspectiva de continuar a se transformar e se desenvolver como indivíduo único e singular.

Calderoni (2006), ao comentar as contribuições da Psicologia Junguiana para a Gerontologia, ressalta que essa abordagem enfatiza que a meia idade e a velhice são a continuação do desenvolvimento psíquico para além da idade adulta. Dessa forma, a teoria junguiana defende a idéia de um crescimento psíquico que não cessa com o desenvolvimento do ego. Na primeira metade da vida de um indivíduo o enfoque é a adaptação ao ambiente externo. Profissão, trabalho, sustento material, sexualidade, procriação, casamento, enfim todo crescimento do ego para se adequar ao mundo. Mas o desenvolvimento não termina nessa fase, uma vez que para a teoria de Jung a vida é um processo que visa o desenvolvimento de cada indivíduo. Tal processo é chamado de Individuação e é o caminho pelo qual descobrimos nosso verdadeiro Eu, cada um de nós.

Para entender como se articula o processo de Individuação em nossa vida, Jung (1916) utiliza a seguinte analogia com a trajetória do sol:

*De manhã o sol vai adquirindo cada vez mais força até atingir o brilho e o calor do apogeu do meio-dia. Depois vem a enantiodromia. Seu avançar constante não significa mais aumento e sim diminuição de força (...) É enorme o engano em supor que o sentido da vida esteja esgotado depois da fase juvenil de expansão. O entardecer da vida humana é tão cheio de significação quanto o período da manhã. Só diferem quanto ao sentido e intenção (p. 66).*

Dessa forma, o processo de Individuação tende a ocorrer de forma mais intensa por volta do “entardecer da vida”, ou seja, quando a força da juventude não está mais constantemente presente. Jung (1916) defende a idéia de que é nesse momento que ocorre uma inversão dos antigos valores e tal fato requer que o indivíduo busque um novo sentido para sua vida “O que a juventude encontrou e precisa encontrar fora, o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si” (p. 67). É a preocupação de “ser” que supera a de “cumprir papéis” para, e na, sociedade.

Assim, se faz importante perceber que a vida está em contínuo movimento e desenvolvimento. Que envelhecer é um processo que vai sendo construído todos os dias e que é algo que faz parte da condição de existência do humano assim como o fato de nossa finitude. Dessa forma, o final da vida também está repleto de significados, beleza, valores, utilidades, enfim, conceber o idoso como alguém que também está se desenvolvendo tanto psiquicamente quanto socialmente.

Os significados de velhice e envelhecimento são construídos ao longo de nossas experiências individuais, pela observação do comportamento das pessoas ao nosso redor, por símbolos presentes em nossa cultura, língua, região, classe social, enfim por uma rede de aspectos da esfera pessoal e social. Dessa teia de relações entre o individual e a coletividade surgem as concepções a respeito do que é ser velho em determinada cultura, do que é envelhecer, que comportamentos são esperados de jovens e idosos. Essas idéias passam a fazer parte do contexto individual das pessoas e, assim, moldam comportamentos e percepções, criando mitos, esteriótipos e também preconceitos.

Portanto, faz-se necessário salientar que a maneira como enxergamos o envelhecimento afetará nossa própria maneira de envelhecer. Um jovem que não vê que o envelhecimento é um processo, assustar-se-á quando chegar à velhice. Da mesma forma que uma certa percepção o levará a acreditar que ser velho é perder o sentido, valor e sua utilidade e que é isto o que lhe aguarda no fim da vida.

### **Sobre as Representações Sociais**

*“As representações são  
resultados de um  
contínuo burburinho e  
um diálogo permanente*

*entre indivíduos, um  
diálogo que é tanto  
interno quanto externo,  
e durante o qual as  
representações  
individuais ecoam ou  
são complementadas”*

Serge Moscovici, 2003, p.49

O termo Representação Social foi cunhado por Serge Moscovici (Sá, 1996) e identifica um vasto campo de estudos psicossociológicos. De difícil conceituação devido à complexa noção reconhecida pelo próprio Moscovici (Sá, 1996), a teoria das Representações Sociais surge com o intuito de romper tanto com a concepção individualizante da relação homem-mundo que exclui o contexto sócio-cultural, quanto com a concepção sociologizante que pensa o homem como uma “tábula rasa” que vai sendo construído pela sociedade, sem que lhe seja dada autonomia em tal processo.

Segundo Wuo (2005), “o homem não vive só de matéria, mas também de idéias – mitos, crenças, valores, ideologias, teorias e dogmas – as quais dão ao seu mundo um significado e um sentido próprios, que irão definir seus modos de lidar com a realidade” (p.23). Entendida como uma forma de conhecimento específico que reúne mitos, valores, crenças, ideologias, teorias e atitudes, a Representação Social tem a função de mediadora na relação homem-mundo.

A teoria das Representações Sociais concebe o indivíduo como co-produtor da realidade social, que por sua vez constitui tal indivíduo de forma dialética por intermédio das representações sociais. É entender como o pensamento individual se enraíza no social e como um e outro se modificam mutuamente. Assim, as representações podem ser concebidas como um meio de apropriação e construção do real pelos homens, que dão sentido próprio à sua realidade. Conforme propõe

Kaes (*apud* Wuo, 2005) para definir tal teoria, “(...) é a construção do real que se dá a partir das informações que o indivíduo recebe de seus sentidos, da sua memória e das relações que ele mantém com outros indivíduos” (p.24).

Para Fessardi (2006), as representações sociais surgem a partir de opiniões, reflexões e atitudes presentes nas diferentes formas de experiência, sejam elas individuais ou grupais, e na relação dessas com o meio. Portanto, tal processo ocorre segundo o contexto sociocultural e histórico em que está inserido, ou seja, em uma realidade social particular.

É o movimento natural de socialização das descobertas científicas, cujos conhecimentos são aproximados pelo senso comum, porém não de forma a vulgarizá-los ou distorcê-los, mas de forma a re-elaborar de acordo com um contexto social peculiar, segundo suas próprias conveniências, de forma consensual.

Para Wuo (2005), as representações sociais são elaborações mentais que partem da cultura e, ao serem partilhadas pelos indivíduos que a compõem, para ela retornam, “definindo-se como uma forma de conhecimento social partilhado, tendo um objetivo prático e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p.27).

Wuo (2005) lembra que para explicar a origem das representações sociais Moscovici aponta que os homens possuem uma tendência a transformar tudo o que é não familiar em familiar, fazendo uso de conhecimentos que já possui. O não familiar possuiu características que atraem, intrigam, fascinam e aterrorizam e, para amenizar tais sensações, se faz necessária a criação de representações com base no que já se conhece, na memória e nas estruturas tradicionais do pensamento. De acordo com Moscovici (*apud* Wuo, 2005), para realizar esta transformação do não familiar em familiar e, portanto dar origem às representações sociais, utilizamos dois mecanismos sociocognitivos: a ancoragem e a objetivação.

O processo de objetivação compreende a transformação do não familiar, que ainda é abstrato, em algo concreto. Assim, o processo de objetivação transforma um

conceito ou uma idéia numa imagem, concretizando-a e formando o núcleo figurativo da representação social. Tal processo ocorre em três fases: construção seletiva, que compreende a seleção de informações sobre determinado objeto, retendo algumas e esquecendo outras para então adaptar ao esquema de pensamento já existente no sujeito; esquematização estruturante, em que tais elementos já selecionados e adaptados são transformados em imagens para formar o núcleo figurativo das representações; e naturalização, que é a transformação de tal esquema figurativo em uma expressão fiel da realidade, dando a idéia de que tal objeto sempre esteve ali, somente esperando para ser percebido.

O processo de ancoragem envolve nomear e classificar em um sistema particular de categorias. Integra o novo, o desconhecido em um sistema já conhecido, de acordo com um determinado contexto social, uma vez que a integração do desconhecido se dará de forma diferente para grupos distintos. Atribui valor positivo ou negativo a este novo sem anular suas características.

Dessa forma, conhecer e identificar as representações sociais sobre o processo de envelhecimento que os jovens possuem é o primeiro passo para se identificar os mitos, os estereótipos e os pré-conceitos presentes neste grupo social.

Mas somente identificar tais representações sociais alienadas não basta para promover a mudança em suas concepções. Realizar um estudo com base na teoria das Representações Sociais é, sobretudo, apontar a possibilidade de mudança e reconstrução dessas representações alienantes, a partir de uma análise crítica destas.

### **Definição do problema e objetivos**

A presente pesquisa tem por tema estudar o envelhecimento nos dias atuais assim como seu objetivo é identificar as representações sociais de jovens estudantes de Psicologia em relação ao processo de envelhecimento, seja tal processo tanto nos idosos quanto em si mesmos. Como os jovens vêem o processo de envelhecimento?

O que o jovem pensa sobre seu próprio envelhecer? Quais são as suas preocupações a respeito da velhice? Como é o velho que ele se imagina?

Os cursos de Psicologia no Brasil, de um modo geral, enfatizam os aspectos da infância e da adolescência. Mas, pouco se fala sobre o processo de envelhecer e a própria velhice. Devido ao crescimento e à importância que o campo da Gerontologia tem conquistado se faz necessário pensar nos profissionais que estão se formando e que possuem poucos instrumentos e preparo para lidar com as questões que permeiam o envelhecimento.

Dessa forma, acredito que esta pesquisa também poderá contribuir para o curso de Psicologia, pois irá demonstrar o conhecimento dos alunos sobre o envelhecimento podendo servir para modificar e atualizar os programas do currículo para as demandas atuais. É importante contribuir para ampliar o olhar dos futuros profissionais psicólogos e dar-lhes ferramentas para trabalhar com outras áreas.

Além disso, tais dados poderiam auxiliar no planejamento de projetos de intervenção e atuação junto ao grupo de idosos e também dos jovens. Acredita-se que, conhecendo melhor como o jovem vê o processo de envelhecimento, pode-se contribuir para se pensar no ambiente em que está inserido o idoso e dessa forma, torná-lo mais agradável, propondo condições que minimizem os sentimentos negativos e favoreçam os positivos em relação aos indivíduos senescentes.

Dessa forma, pretende-se produzir dados que possam contribuir para pensar e discutir ações que visem a diminuir os preconceitos, mitos, estereótipos que a sociedade impõe à existência do idoso.

## **Metodologia**

### **Participantes**

A presente pesquisa foi realizada com 106 (cento e seis) alunos do curso de Psicologia da Pontifca Universidade Católica de São Paulo.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: idade até vinte e cinco anos e estar cursando do primeiro ao quinto ano do curso de Psicologia.

### **Instrumentos**

Para realizar a pesquisa foi elaborado um questionário com trinta e cinco perguntas sendo cinco abertas e as demais fechadas. As questões estão divididas em sete categorias: Caracterização dos Participantes, Contato com Idosos, Visão sobre o Processo de Envelhecimento, Expectativas sobre o Próprio Processo de Envelhecimento, Avaliação da Percepção da Sociedade sobre o Idoso, Conhecimentos sobre Gerontologia, Opinião e Sugestões dos Participantes quanto ao Questionário. (Anexo1).

A categoria Caracterização dos Participantes compreendeu as três primeiras perguntas sobre o participante que respondeu ao questionário. As variáveis são sexo, idade e ano que está cursando na faculdade.

A categoria de Contato com Idosos contou com as questões quatro a seis que tiveram como objetivo perceber se o participante conhece algum idoso, se possui

contato com ele em sua vida, seja através de vivência familiar ou estágios, e qual a intensidade deste contato.

A categoria Visão sobre o Processo de Envelhecimento teve como objetivo captar do entrevistado como este percebe o processo de envelhecer, ou seja, quais características atribui à velhice, se pesam os aspectos positivos ou negativos sobre o envelhecimento, conhecer a definição do que é envelhecer para o participante e qual a sua opinião sobre o envelhecimento. Para abordar tais aspectos seguiu-se uma questão em aberto com o objetivo de captar do entrevistado suas representações sobre o envelhecimento. Para isso solicitou-se a associação de três palavras ao envelhecimento. Esta categoria também contou com as questões fechadas oito a quinze que foram baseadas no Inventário de Sheppard para a avaliação de atitudes em relação à velhice, adaptado por Neri (1991) para o português e utilizado por ela em sua pesquisa. Tal inventário engloba um conjunto de vinte afirmações para as quais os participantes devem responder segundo uma escala de cinco pontos em que o número 1 corresponde à Discordo Completamente, o número 2 a Discordo, o 3 a Indiferente, o número quatro a Concordo e o número cinco a Concordo Completamente. No presente estudo, a questão “Não há nenhuma razão pela qual um velho não possa permanecer ativo” foi modificada para “Não há razão pela qual um velho deva permanecer inativo” pois no pré-teste foi encontrada dificuldade de entendimento de tal afirmação. Duas afirmações contidas no Inventário foram retiradas porque não correspondiam aos objetivos desta pesquisa.

Com o objetivo de perceber como o próprio indivíduo se vê em sua futura velhice, qual a imagem que faz de si como idoso, que aspectos pesam mais em sua percepção da própria velhice (negativos ou positivos), e se já reconhece o processo de envelhecimento em sua vida, foram selecionados para abordar a categoria Expectativas sobre o Próprio Processo de Envelhecimento as questões fechadas dezesseis a vinte e cinco, também baseadas no Inventário de Sheppard para avaliação de atitudes em relação à velhice, e as questões vinte e seis A e vinte e seis B, sendo esta última aberta.

A categoria Avaliação da Percepção da Sociedade sobre o Idoso atentou para captar do participante se percebe alguma mudança em como a sociedade tratava os idosos e como eles são tratados hoje em dia. Para isso foram utilizadas as questões vinte e sete (fechada) e vinte e oito (aberta).

A categoria Conhecimentos sobre Gerontologia buscou saber se os jovens entrevistados possuíam contato com esta área, se tinham conhecimentos sobre o envelhecimento populacional no Brasil e de onde obtinham tais informações. Para abordar tais aspectos foram utilizadas as questões vinte e nove a trinta e três.

A categoria Opinião e Sugestões dos Participantes quanto ao Questionário visou abordar a qualidade do instrumento pelos participantes e também a possibilidade de que os entrevistados pudessem acrescentar algo que julgassem ser importante para a realização da pesquisa. Seguiram-se as questões trinta e quatro e trinta e cinco.

Segundo Spink (1993), o instrumento questionário é uma forma menos flexível de acessar as representações sociais se comparado às técnicas verbais de entrevistas abertas com um roteiro mínimo de perguntas, pois esta permite dar voz ao entrevistado. Porém, como a própria autora afirma, em se tratando de grandes amostras, o questionário é, talvez, o único instrumento viável de coleta de dados. Dessa forma, para enriquecer o questionário e permitir maior espontaneidade por parte dos participantes, deixei cinco questões em aberto para que pudessem emergir conteúdos próprios de cada indivíduo.

## **Procedimento**

Primeiramente foi aplicado o pré-teste em dois alunos da faculdade, sendo um do primeiro ano e um do quinto ano de faculdade. Tal pré-teste teve como objetivo medir o tempo que cada aluno gastou respondendo ao questionário e

também para perceber se existiam dúvidas acerca de alguma pergunta e mesmo para ouvir críticas e sugestões com relação ao instrumento.

Finalizada esta primeira parte, ocorreu a escolha dos participantes. A entrevistadora procurou a Secretaria do curso de Psicologia e realizou sorteios das turmas e dos horários de cada aula. Ao final permaneceu selecionada uma turma de cada ano de faculdade.

Selecionadas as salas de aula, a entrevistadora entrou em contato com os professores das respectivas salas e explicou o objetivo da pesquisa. Pediu para que eles pudessem ceder quinze minutos finais das aulas para que aplicasse os questionários nos alunos, o que os professores permitiram. Os questionários foram aplicados nos meses de maio e junho.

Antes da entrega do questionário, houve a apresentação aos alunos do Termo de Consentimento, esclarecendo que a presente pesquisa era um trabalho de conclusão de curso que pretendia investigar a visão do jovem sobre o envelhecimento. A entrevistadora explicou sobre o sigilo quanto aos seus nomes e suas identidades e também informou sobre os objetivos e métodos que foram empregados na pesquisa conforme os princípios éticos existentes no estudo com seres humanos. Foi solicitado então, que aqueles que estivessem de acordo em participar voluntariamente da pesquisa assinassem o Termo. (Anexo 2).

Durante a aplicação dos questionários, a entrevistadora procurou fazer o mínimo possível de interferências para evitar comentários que pudessem, de alguma forma, alterar as respostas dos participantes.

Ao final, foram separadas em duas pilhas de folhas para que os participantes depositassem na primeira o Termo de Consentimento e na segunda o questionário com as respostas viradas para baixo. Procurou-se com essa atitude assegurar o máximo de sigilo quanto às respostas e aos participantes.

Para analisar as respostas dos participantes aos questionários foi utilizado o programa de computador SPSS 10.0.

## Resultados

Os resultados serão apresentados na seqüência das categorias de análise: Caracterização dos Participantes, Contato com Idosos, Visão sobre o Processo de Envelhecimento, Expectativas sobre o Próprio Processo de Envelhecimento, Avaliação da Percepção da Sociedade sobre o Idoso, Conhecimentos sobre Gerontologia, Opinião e Sugestões dos Participantes quanto ao Questionário.

Os dados de Caracterização dos Participantes podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos participantes segundo as variáveis sexo e idade.

Idades	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Até 20 anos Frequência (%)	36 (42.5%)	9 (42.8%)	45 (42.5%)
De 21 a 23 Frequência (%)	43 (50.5%)	9 (42.8%)	52 (49.1%)
De 24 a 25 Frequência (%)	6 (7.0%)	3 (3.5%)	9 (8.4%)
Total Frequência (%)	85 (100%)	21 (100%)	106 (100%)

Como pode ser observado na Tabela 1, houve predomínio do sexo feminino em todas as faixas etárias estudadas. A maioria dos participantes era muito jovem sendo que 91.5% tinham menos de 24 anos de idade.

Quanto ao Contato com Idosos, a maioria (76.4%) dos participantes relatou possuir algum contato com os senescentes. A Tabela 2 apresenta os dados de frequência e porcentagem dos alunos que declararam possuir algum contato com idosos nos diversos anos do curso de Psicologia.

Tabela 2: Distribuição dos participantes de acordo com o ano que cursam na faculdade e o contato com idosos.

Possui contato com idosos	Ano de Faculdade						Total
	Primeiro Ano	Segundo Ano	Terceiro Ano	Quarto Ano	Quinto Ano	Irregular	
<b>Sim</b> Frequência (%)	18 (75.0%)	13 (13.0%)	18 (75.0%)	21 (84.0%)	9 (60.0%)	2 (100%)	81 (76.4%)
Total Frequência (%)	24 (100%)	16 (100%)	24 (100%)	25 (100%)	15 (100%)	2 (100%)	106 (100%)

A Tabela 2 mostra que a maioria da amostra do presente estudo estava cursando o primeiro, o terceiro e quarto anos da faculdade, havendo menos representantes cursando os demais anos. Excetuando-se o grupo de alunos irregulares composto por apenas 2 alunos, foram os alunos do quarto ano que mais freqüentemente relataram ter contato com os idosos, seguidos pelos alunos do primeiro e terceiro anos e em seguida pelos do quinto ano. Os alunos do segundo ano foram os que relataram ter menos contato com os idosos.

Quando questionados sobre onde ocorria o contato com os idosos, a maioria apontou o contexto familiar citando os avós, tios, pais e primos entre outros.

Na Tabela 3 podem ser observados os dados a respeito do contexto onde ocorre o contato com idosos pelos alunos nos diversos anos de faculdade.

Tabela 3: Distribuição dos participantes de acordo com o ano que cursam na faculdade e o contexto onde ocorre o contato com idosos

Onde ocorre o contato com idosos	Ano de Faculdade						Total
	Primeiro Ano	Segundo Ano	Terceiro Ano	Quarto Ano	Quinto Ano	Irregular	
Âmbito Familiar Frequência (%)	16 (88.9%)	12 (92.3%)	12 (66.7%)	12 (57.1%)	6 (66.7%)	2 (100%)	60 (56.6%)
Âmbito Profissional Frequência (%)	-	1 (7.7%)	-	3 (14.3%)	-	-	4 (3.7%)
Outros Frequência (%)	-	-	-	1 (4.8%)	1 (11.1%)	-	2 (1.8%)
Familiar e Profissional Frequência (%)	2 (11.1%)	-	6 (33.3%)	5 (21.8%)	2 (22.2%)	-	15 (14.1%)
Total Frequência (%)	18 (100%)	13 (100%)	18 (100%)	21 (100%)	9 (100%)	2 (100%)	106 (100%)

Pode-se perceber que o contexto que a maioria dos alunos de todos os anos se referiu foi o âmbito familiar.

Com relação ao grau de intensidade do contato com os idosos, os alunos do quinto ano foram os que declararam mais frequentemente que apresentam um contato intenso, seguidos pelos terceiro e segundo anos. Os alunos que cursam o quarto e primeiro anos relataram um contato mais frequentemente de baixa intensidade. A distribuição das respostas pode ser observada na Tabela 4 que apresenta a distribuição da intensidade do contato que os alunos possuem pelos anos de faculdade que estão cursando.

Tabela 4. Distribuição das respostas dos alunos que possuem contato com idosos de acordo com a Intensidade do Contato e o Ano de Faculdade.

Intensidade do Contato	Ano de faculdade						Total
	Primeiro Ano	Segundo Ano	Terceiro Ano	Quarto Ano	Quinto Ano	Irregular	
Intenso Frequência (%)	4 (22.2%)	5 (38.5%)	7 (38.9%)	4 (19.0%)	6 (66.7%)	-	26 (32.0%)
Moderado Frequência (%)	6 (33.3%)	5 (38.5%)	7 (38.9%)	7 (33.3%)	1 (11.1%)	2 (100%)	28 (34.5%)
Baixo Frequência (%)	8 (44.4%)	3 (23.1%)	4 (22.2%)	10 (46.7%)	2 (22.2%)	-	27 (33.3%)
Total Frequência (%)	18 (100%)	13 (100%)	18 (100%)	21 (100%)	9 (100%)	2 (100%)	81 (100%)

Os dados sobre a categoria Visão sobre o Processo de Envelhecimento podem ser observados na Tabela 5 que apresenta a concordância com os itens: “É na juventude que se pode esperar o máximo de satisfações na vida”; “Há poucas coisas que uma pessoa pode realizar na velhice”; “Não há razão pela qual um velho deva permanecer inativo”; “A vida oferece pouco aos velhos, além de preocupação e desconforto”; “A velhice é o período mais sombrio da vida”; “É melhor morrer cedo do que enfrentar a velhice nesta sociedade”; “É possível continuar tendo companheirismo na velhice”; “A velhice permite que se constate que toda a vida valeu a pena”.

Tabela 5: Distribuição das respostas de concordância com as afirmações que abordam a Visão sobre o Processo de Envelhecimento.

Questões	Frequência (%)
Companheirismo na velhice	102 (96.2%)
Não há razão para velhice inativa	75 (70.8%)
Velhice: constatar que a vida valeu a pena	50 (47.2%)
Juventude: máximo de satisfações	15 (14.2%)
Vida velho: preocupação e desconforto	12 (11.3%)
Velhice período mais sombrio	6 (5.7%)
Morrer cedo a enfrentar a velhice	4 (3.8%)
Poucas realizações na velhice	3 (2.8%)

O que se observou é que a grande maioria dos participantes acredita que na velhice existe a possibilidade de continuação do companheirismo, ou seja, os sujeitos consideram que na fase da velhice é possível continuar com relacionamentos amigáveis e amorosos. Também houve uma elevada taxa de concordância com a idéia de que não existe razão para que o velho seja considerado inativo e de a velhice representar uma fase na qual se constate que a vida valeu a pena.

As afirmações que obtiveram os menores índices de concordância foram atribuição à fase da juventude o ápice em conquistas e satisfações, a concepção de

que a vida só tem a oferecer aos velhos preocupações e desconfortos, a idéia de que a velhice seria o período mais sombrio da vida, a expectativa de morrer cedo para não enfrentar a velhice e também a percepção de que na velhice há poucas realizações.

Após serem solicitados a associar três palavras ao envelhecimento, os participantes apresentaram uma série de verbalizações que foram categorizadas na Figura 1. Como resultados gerais, sem discriminar os anos de faculdade dos participantes, verificou-se que a grande maioria das respostas de associação ao envelhecimento referia-se a Experiência/ Maturidade/ Amadurecimento/ Vivência, tendo o grupo dos Aspectos Positivos um elevado número de respostas também. Dessa forma pode-se dizer que a maioria dos jovens percebeu o envelhecimento como sinônimo de vivência, experiência, amor, maturidade, felicidade, possibilidade, respeito, boa idade, companheirismo, entre outras qualidades subentendidas nestes dois grupos de palavras.

Os grupos Aposentadoria, Estética, Família e Saudade/ Lembranças constituíram a minoria dos resultados. Houve uma baixa associação das palavras rugas, cabelo grisalho, falta de trabalho, família, nostalgia, reflexão, aposentadoria, lembranças e saudade com a idéia de envelhecimento. Quando os participantes falaram de envelhecimento poucas vezes essa fase da vida foi relacionada aos aspectos estéticos, financeiros, familiares e saudosistas.

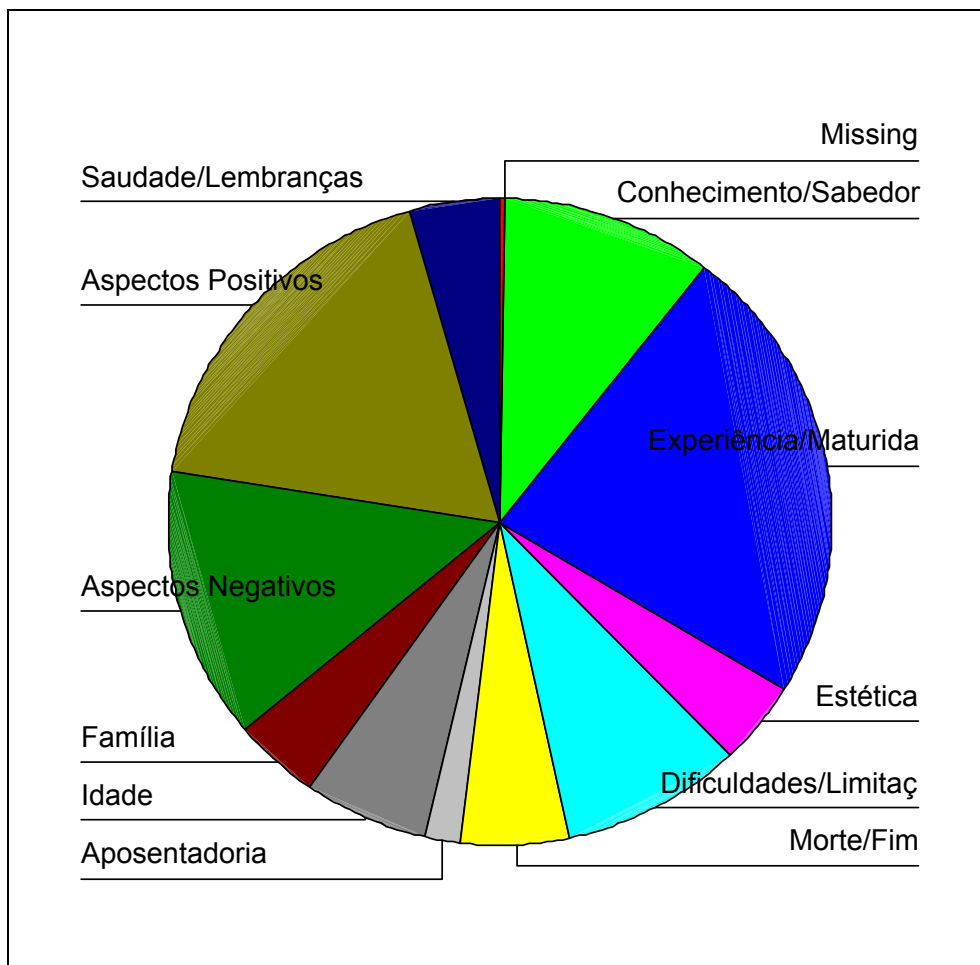


Figura 1: Distribuição das palavras associadas ao envelhecimento

Visando uma descrição mais profunda dos resultados obtidos nas associações das palavras optou-se por apresentar as palavras na ordem em que foram ditas nos diversos anos da faculdade. Dessa forma, os dados relativos à primeira palavra solicitada estão presentes na Tabela 6A.

Tabela 6A: Distribuição das categorias em que foram agrupadas as primeiras palavras associadas ao envelhecimento pelos alunos nos diversos anos da faculdade.

Categorias de Palavras Associadas ao Envelhecimento	Ano da Faculdade					
	Primeiro Ano	Segundo Ano	Terceiro Ano	Quarto Ano	Quinto Ano	Irregular
Conhecimento/Sabedoria (%)	5.3%	5.9%	20.0%	10.5%	20.0%*	-
Experiência/Maturidade (%)	42.1%*	52.9%*	35.0%*	47.4%*	26.7%*	100%*
Estética (%)	5.3%	11.8%	-	5.3%	-	-
Dificuldades/Limitações (%)	5.3%	-	15.0%	-	-	-
Morte (%)	-	-	10.0%	-	6.7%	-
Aposentadoria (%)	-	-	-	-	6.7%	-
Idade (%)	10.5%	5.9%	-	5.3%	6.7%	-
Família (%)	5.3%	-	-	-	6.7%	-
Aspectos Negativos (%)	5.3%	5.9%	10.0%	15.8%	-	-
Aspectos Positivos (%)	15.8%	17.6%	-	15.8%	26.7%*	-
Saudade/Lembranças (%)	5.3%	-	10.0%	-	-	-
Total (%)	100%	100%	100%	100%	100%	100%

\* Os números sombreados correspondem às maiores porcentagens

Ao relatarem a primeira palavra que associaram ao envelhecimento, tanto nos alunos dos cinco anos de faculdade quanto nos alunos Irregulares a grande

maioria das respostas foi classificada na categoria Experiência/ Maturidade, o que demonstra uma homogeneidade na visão dos alunos dos diversos anos. O quinto ano também apresentou uma grande frequência de respostas nas categorias Aspectos Positivos e Conhecimento/ Sabedoria.

Assim, a maioria dos participantes percebeu o envelhecimento na primeira vez como possuindo aspectos de experiência, maturidade, vivência e amadurecimento não havendo uma discrepância com o avanço no curso de Psicologia. De forma geral os alunos associam o envelhecimento à experiência, independentemente do ano que estejam cursando na faculdade.

Deve-se ressaltar que a categoria Aposentadoria foi a que obteve menor frequência de respostas, isto é, poucos estudantes associaram envelhecimento com falta de trabalho, inatividade e aposentadoria.

A análise da segunda palavra proferida pelos estudantes em associação ao envelhecimento pode ser observada na Tabela 6B.

Tabela 6B: Distribuição das categorias em que foram agrupadas as segundas palavras associadas ao envelhecimento pelos alunos nos diversos anos da faculdade.

Categorias de Palavras Associadas ao Envelhecimento	Ano da Faculdade					
	Primeiro Ano	Segundo Ano	Terceiro Ano	Quarto Ano	Quinto Ano	Irregular
Conhecimento/ Sabedoria (%)	<b>31.6%*</b>	11.8%	15.0%	5.3%	6.7%	-
Experiência/ Maturidade (%)	15.8%	5.9%	<b>25.0%*</b>	10.5%	<b>26.7%*</b>	-
Estética (%)	-	5.9%	5.0%	-	-	-
Dificuldades/ Limitações (%)	5.3%	17.6%	5.0%	10.5%	20.0%	-
Morte (%)	-	-	-	15.8%	-	-
Aposentadoria (%)	-	-	-	-	6.7%	<b>50.0%*</b>
Idade (%)	10.5%	-	-	10.5%	-	-
Família (%)	-	-	-	10.5%	6.7%	<b>50.0%*</b>
Aspectos Negativos (%)	10.5%	5.9%	<b>20.0%*</b>	<b>21.1%*</b>	13.3%	-
Aspectos Positivos (%)	<b>26.3%*</b>	<b>41.2%*</b>	10.0%	10.5%	20.0%	-
Saudade/ Lembranças (%)	-	11.8%	<b>20.0%*</b>	5.3%	-	-
Total (%)	100%	100%	100%	100%	100%	100%

\* Os números sombreados correspondem às maiores porcentagens

Ao relatar a segunda palavra associada ao envelhecimento, a maioria dos participantes respondeu nas mesmas categorias Conhecimento/ Sabedoria, Experiência/ Maturidade e Aspectos Positivos apresentadas na primeira associação.

Porém, deve-se notar que nos terceiro e quarto anos a maioria das respostas referiu-se aos Aspectos Negativos, ou seja, os jovens que estão cursando tais anos na faculdade associam o envelhecimento a mau humor, medo, cansaço, solidão, distanciamento, descaso, chatice, carência afetiva, angústia, esquecimento, lentidão, isolamento, fraqueza, desgosto e fragilidade. Porém, ainda impera, como maioria entre os anos, uma visão do envelhecimento como harmoniosa, o velho como uma pessoa com mais experiência e sabedoria, enfim o envelhecer sendo percebido com qualidades positivas.

As categorias em que foram agrupadas a terceira palavra solicitada para associar ao envelhecimento, podem ser observadas na Tabela 6C. Novamente as categorias que obtiveram a maioria das respostas pelos anos do curso de Psicologia foram Aspectos Positivos, Estética. Porém, apareceram também com bastante frequência Morte, Dificuldades/ Limitações e Aspectos Negativos.

Assim, tais dados revelam uma diferença quanto à primeira palavra solicitada, cuja maioria se deu na categoria Experiência/ Maturidade. Dessa forma, os sujeitos demonstraram que na terceira palavra solicitada para associar ao envelhecimento impera a percepção do envelhecer como possuindo aspectos de dificuldades, limitações, doenças, cuidados, fim, término, morte, rugas, cabelos brancos, medo, solidão, chatice, carência afetiva, mau humor entre outras. Esta percepção difere da obtida na primeira palavra sendo que na primeira vez que se solicitou uma associação ao envelhecimento a maioria dos sujeitos demonstrou uma visão positiva quanto ao envelhecer sendo este caracterizado pelas experiências, maturidade, amadurecimento e vivência. Porém, quando solicitou pela terceira vez uma palavra de associação a maioria dos sujeitos demonstrou ter uma visão degradante sobre o envelhecer sendo este associado à solidão, limitação e outras palavras de caráter negativo.

Tabela 6C: Distribuição das categorias em que foram agrupadas as terceiras palavras associadas ao envelhecimento pelos alunos nos diversos anos da faculdade.

Categorias de Palavras Associadas ao Envelhecimento	Ano da Faculdade					
	Primeiro Ano	Segundo Ano	Terceiro Ano	Quarto Ano	Quinto Ano	Irregular
Conhecimento/ Sabedoria (%)	5.3%	12.5%	-	-	6.7%	-
Experiência/ Maturidade (%)	5.3%	12.5%	10.0%	10.5%	20.0%	-
Estética Porcentagem	-	18.8%*	5.0%	-	6.7%	-
Dificuldades/ Limitações (%)	26.3%*	6.3%	10.0%	10.5%	5.7%	-
Morte (%)	5.3%	18.8%*	15.0%	10.5%	-	-
Aposentadoria (%)	-	6.3%	5.0%	-	-	-
Idade (%)	10.5%	-	-	15.8%	13.3%	-
Família (%)	-	6.3%	10.0%	5.3%	-	50.0%*
Aspectos Negativos (%)	15.8%	6.3%	25.0%*	31.6%*	13.3%	50.0%*
Aspectos Positivos (%)	31.6%*	12.5%	15.0%	10.5%	33.3%*	-
Saudade/ Lembranças (%)	-	-	5.0%	5.3%	-	-
Total (%)	100%	100%	100%	100%	100%	100%

\* Os números sombreados correspondem às maiores porcentagens

O que pode ser percebido é que não há uma diferença entre as palavras de associação ao envelhecimento e os anos que os jovens cursam na faculdade. De maneira geral, os participantes dos diversos anos da faculdade responderam de forma similar em cada solicitação, sendo que na primeira e segunda palavras os

jovens tendem a perceber o envelhecer de forma positiva, valorizando suas experiências, sabedorias e vivências. Porém na terceira palavra a maioria dos participantes demonstraram aspectos negativos associados ao envelhecimento tais como morte, fim, solidão, chatice, dificuldades e limitações.

Os dados a respeito das Expectativas sobre o Próprio Processo de Envelhecimento podem ser observados na Tabela 7.

Tabela 7: Distribuição das respostas de concordância com as afirmações que abordam a Visão sobre o Processo de Envelhecimento.

Questões	Frequência (%)
Bem-estar em qualquer idade	101 (95.3%)
Espero desfrutar da minha velhice	97 (91.5%)
Velhice satisfação e realização na vida	69 (65.1%)
Pensar na debilidade física me aterroriza	54 (50.9%)
Sentimento de angústia ao meu envelhecer	51 (48.1%)
Aumento de lazer e menos responsabilidade	49 (46.2%)
Na velhice me sentirei tão feliz quanto na juventude	47 (44.3%)
Horror a sobreviver sem o meu cônjuge	36 (34.0%)
Sentimento de solidão na minha velhice	16 (15.1%)
Velho farei coisas chatas e desinteressantes	5 (4.7%)

Os resultados na Tabela 7 apontam para o fato de que a grande maioria dos participantes concordou com a idéia de que o bem-estar não depende de uma fase específica da vida, ele deve estar presente independentemente da idade que a pessoa tenha. A grande maioria dos sujeitos também concordou com a afirmação de que espera desfrutar de suas velhices.

Houve também elevadas concordâncias nos quesitos de que a velhice traz satisfação e realização frente às experiências vividas, sentimento de temor quanto à possibilidade de debilidade física, sentimento de angústia que permeia o pensamento dos sujeitos quanto ao seu envelhecer, crença de que em suas velhices terão aumento de lazer e diminuição das responsabilidades e o fato de vislumbrarem a felicidade presente em suas velhices assim como em suas juventudes.

As afirmações que obtiveram baixo número de concordância pelos participantes foram a idéia de que em suas velhices se sentirão solitários e a crença de que quando velhos farão coisa chatas e desinteressantes.

As respostas dos participantes à questão sobre a capacidade de reconhecerem o processo de envelhecimento em suas próprias vidas podem ser analisadas a partir da Tabela 8. Percebe-se que a grande maioria dos jovens respondeu conseguir perceber o envelhecimento neste momento em suas vidas apesar de estar vivendo em uma fase cronologicamente distante da velhice. Constatou-se que a grande maioria dos participantes que é capaz de reconhecer o processo de envelhecimento em suas vidas cursava o terceiro e quinto anos, seguidos pelo quarto e segundo anos de faculdade.

Tabela 8: Distribuição das respostas sobre o reconhecimento do processo de envelhecimento nas vidas dos estudantes de acordo com o ano da faculdade cursado.

Reconhecimento do Processo de Envelhecimento	Ano da Faculdade						Total
	Primeiro Ano	Segundo Ano	Terceiro Ano	Quarto Ano	Quinto Ano	Irregular	
Sim Frequência (%)	19 (79.2%)	14 (87.5%)	23 (95.8%)	22 (88.0%)	14 (93.3%)	1 (50.0%)	93 (87.7%)
Total Frequência (%)	24 (100%)	16 (100%)	24 (100%)	25 (100%)	15 (100%)	2 (100%)	106 (100%)

Para abordar a categoria Avaliação da Percepção da Sociedade sobre o Idoso perguntou-se aos jovens se estes eram capazes de perceber diferenças quanto ao tratamento social que os idosos recebiam no passado e o que recebem hoje em dia. Os resultados podem ser observados na Figura 2. Assim, a grande maioria (84.5%) dos participantes confirmou que percebe mudanças em como a sociedade tratava os idosos no passado e em como são tratados na atualidade. Três participantes não responderam esta questão correspondendo a 2.8% da amostra.

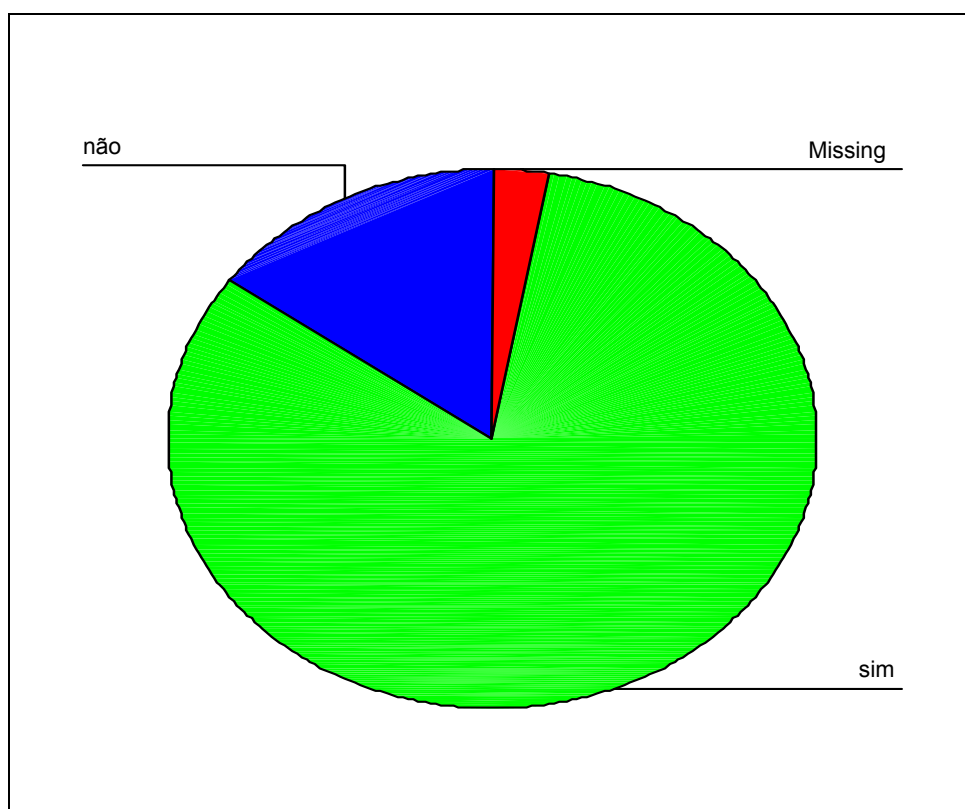


Figura 2. Distribuição das respostas sobre a percepção de mudanças no tratamento social para com os idosos.

Os participantes que declararam conhecer a Gerontologia (62.2% do total) foram indagados a respeito da fonte desse conhecimento. A maioria respondeu que conhece a área de Gerontologia e que a principal fonte de informações é obtida na

faculdade/ estudos. Em seguida foram apontados como fonte de conhecimento o contexto que reúne faculdade e família e logo após o contexto familiar isoladamente. Os resultados podem ser observados na tabela abaixo.

Tabela 9. Distribuição das respostas a respeito da fonte de Conhecimento sobre Gerontologia.

Conhecimento sobre Gerontologia	De onde obtém informações sobre Gerontologia						Total
	Faculdade/ Estudos	Família	Mídia	Amigos	Faculdade e Família	Faculdade e Mídia	
Frequência (%)	30 (45.5%)	11 (16.7%)	4 (6.0%)	7 (10.6%)	12 (18.1%)	2 (3.0%)	66 (62.2%)

Ainda investigando se os alunos de Psicologia conheciam a área de Gerontologia perguntou-se qual era a maior faixa etária populacional no Brasil na atualidade e as estimativas populacionais para o Brasil em 2030. Os resultados obtidos podem ser observados na Tabela 10.

Tabela 10: Distribuição das estimativas dos alunos a respeito da População atual do Brasil e Estimativa Populacional para o ano de 2030 pelas Faixas Etárias.

Faixa Etária	População atual do Brasil	Estimativa populacional Brasil 2030
Crianças Frequência (%)	5 (4.8%)	3 (2.8%)
Jovens Frequência (%)	33 (31.7%)	3 (2.8%)
Adultos Frequência (%)	58 (54.7%)	11 (10.4%)
Idosos Frequência (%)	10 (9.6%)	89 (84.0%)
Total Frequência (%)	106 (100%)	106 (100%)

Pode-se observar que a maioria dos participantes respondeu que a faixa etária que prevalece no Brasil atualmente são os adultos, enquanto que para o Brasil no ano de 2030 a grande maioria dos participantes acreditou que os idosos terão maior crescimento populacional. Tal dado revela que os participantes da pesquisa consideram que o Brasil contará com os idosos como a maior faixa populacional, o que vai ao encontro das estimativas reais do IBGE (2006) para o futuro populacional do país.

Porém, quando indagados diretamente sobre a afirmação “O Brasil é um país que caminha para o envelhecimento” a maioria dos participantes, correspondendo a 77.1% da amostra, respondeu que discorda de tal frase.

Portanto, tal dado revela uma contradição existente quanto ao fato de que quando os participantes foram indagados sobre a estimativa de crescimento populacional para o Brasil em 2030, a maioria dos sujeitos respondeu que acredita que a faixa etária correspondente aos idosos seja maior, mas quando indagados diretamente sobre o fenômeno de envelhecimento do país, ou seja, um aumento do número de pessoas idosas e conseqüentemente um envelhecimento populacional, a grande maioria dos participantes respondeu que discorda deste fato.

A Figura 3 apresenta as Opiniões e Sugestões dos Participantes quanto ao Questionário.

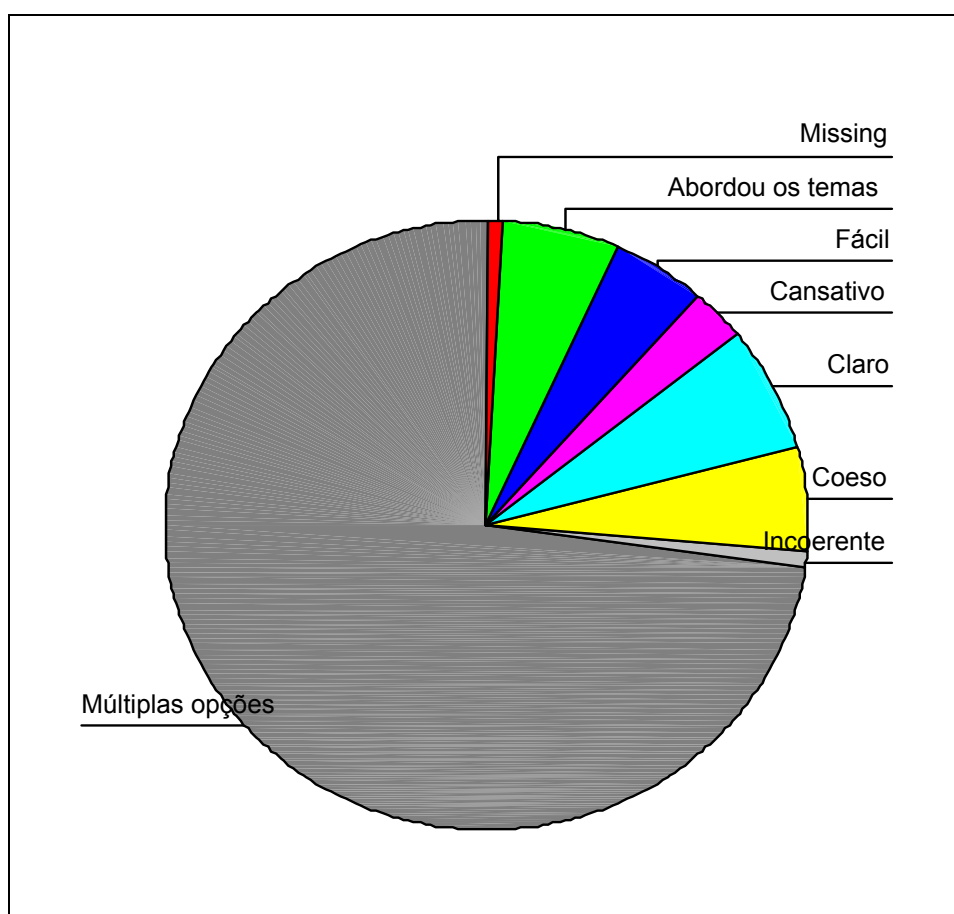


Figura 3: Distribuição das opiniões dos participantes quanto ao questionário.

Os resultados demonstram que o instrumento utilizado na pesquisa atingiu seu objetivo, uma vez que a grande maioria dos participantes declarou que o questionário abordou os temas a que se propôs, foi de fácil compreensão, coeso com a proposta e escrito de forma clara e de fácil entendimento, todas assinaladas conjuntamente representadas pelo grupo das Múltiplas Opções.

Com relação à sugestão dos participantes quanto ao questionário, a grande maioria (85.0%) declarou que como a pesquisa havia abordado o tema proposto não havia necessidade de dar sugestões.

## **Discussão**

No presente estudo, verificou-se pouca variação entre as respostas dadas pelos alunos de cada ano de faculdade, sugerindo que a representação do envelhecimento para esses jovens não sofre modificação no decorrer deste curso de Psicologia. Assim, entre os alunos do primeiro ao quinto ano da faculdade, a visão sobre o processo de envelhecer que possuem se mostrou, de certa forma, homogênea.

Grande parte dos participantes respondeu possuir contato com idosos e apontou o âmbito familiar como a principal fonte deste contato. Assim, a família ainda se coloca como o lugar que mais propicia contato com os senescentes na vida desses jovens alunos. Pode-se refletir sobre a extrema importância de um contato com idosos para além da família e em como os cursos de Psicologia poderiam ajudar no incentivo do contato profissional e trazer para o cotidiano dos indivíduos outras questões que permeiam o processo de envelhecimento, além daquelas observadas no âmbito familiar.

No presente estudo apareceram pontos positivos considerados pelos jovens associados ao processo de envelhecimento: a possibilidade de continuação do companheirismo na velhice; o velho como alguém que pode ser ativo e ter muitas realizações; a velhice como uma fase em que se pode ter satisfações e prazeres e não estigmatizada como o momento mais sombrio da vida. Os participantes da pesquisa relataram que estão dispostos a enfrentar a velhice na atual sociedade. Dessa forma, diferentemente do que defende Lima (2007) e dos dados obtidos na pesquisa realizada com idosos por Torralha (2006), que consideraram que a velhice

está associada em nossa sociedade com o fim da vida ativa, morte, decrepitude, improdutividade, impotência, mudanças irreversíveis e doenças, os dados da presente pesquisa não sustentam essa noção de velhice.

A pesquisa realizada por Neri (1991) verificou que a percepção dos jovens frente ao idoso era vê-lo como doentio, dependente, rejeitado, desvalorizado, exigente e intrometido, confirmando a percepção depreciativa e preconceituosa. Porém, os resultados do presente estudo foram diferentes. Os jovens desta pesquisa reconheceram a experiência dos idosos, valorizando-os e não desqualificando suas vivências.

Torralha (2006) e Zimermam (2000) também sugerem que a parcela jovem da sociedade quando pensa sobre o envelhecimento associa-o à aposentadoria, a mudanças estéticas relacionadas à decrepitude do corpo físico e abordam a imagem do velho como a de um sapato furado e gasto sem utilidade. Porém, novamente, não foi este resultado o obtido no presente estudo. Ao contrário do que defendem as autoras, os jovens alunos de Psicologia associaram raramente a palavra envelhecimento a aspectos estéticos tais como rugas e cabelos brancos, e tampouco a aspectos que remetem à aposentadoria, tais como falta de trabalho e improdutividade. Assim, os participantes se mostraram capazes de reconhecer aspectos positivos frente ao envelhecimento, ou seja, perceberam a imagem do velho como a de experiente, vivido e maduro, não apontando inutilidade relacionada ao envelhecer.

Com base nas idéias defendidas por Franco (2003), de que toda a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita) ou gestual, necessariamente expressa um significado e um sentido e que a ordem em que tais mensagens são apresentadas também influi sobre seus significados, ou seja, sobre as representações sociais que se tecem sobre aquele determinado conteúdo expresso, na presente pesquisa foi pedido para os participantes que escrevessem três palavras associadas ao envelhecimento.

Os resultados da primeira palavra solicitada ocorreram de forma semelhante entre os cinco anos de faculdade e corresponderam, na sua grande maioria, às

características de experiência, de amadurecimento e maturidade frente aos idosos. Assim, os alunos, independentemente do ano que cursavam na faculdade, quando solicitados a associarem pela primeira vez uma palavra ao envelhecimento apontaram características de valorização dos senescentes.

Com relação à segunda palavra solicitada a maioria dos participantes continuou relatando uma percepção de valorização dos velhos. Assim, além das palavras experiência e maturidade, também associaram o conhecimento, a boa idade, o companheirismo, a sabedoria dentre outras. Porém, dois dos cinco anos de faculdade associaram o envelhecimento com aspectos negativos.

Na terceira palavra solicitada, a percepção do envelhecer sofreu uma mudança se comparada às duas anteriores. As palavras que surgiram foram diversas, não havendo uma convergência para um único grupo, e também emergiu como maioria aspectos relacionados às dificuldades, às limitações e às doenças.

Tais fatos podem indicar um movimento de desvalorização das experiências dos senescentes que vai ocorrendo da primeira palavra para a terceira. Este foi o único momento do estudo em que os aspectos negativos frente ao idoso apareceram. É interessante pensar que se fosse pedida apenas uma única palavra de associação os resultados obtidos seriam diferentes.

Dessa forma, pode-se inferir sobre a existência de mitos, estereótipos e preconceitos frente aos idosos, idéias essas defendidas por Arantes et al (2007). Estas características de desvalorização surgiram quando foram solicitadas mais de uma representação para envelhecimento. Assim, os mitos citados pelos autores tais como a inutilidade do velho, a associação a cuidados, limitações e doenças, o mau humor, a chatice e a improdutividade se tornaram presentes apenas na terceira palavra solicitada. É possível constatar que num primeiro momento a representação do envelhecimento feita pelos jovens desta pesquisa foi de valorização e aspectos positivos, posição determinada por um padrão social mais aceitável, mas esta característica sofreu uma transformação na terceira palavra e deu lugar a uma visão cujos aspectos foram negativos, estereotipados, de desvalorização revelando uma

postura menos aceitável e “*o arraigamento ou enraizamento cultural de uma visão depreciativa dos jovens sobre o envelhecer*” (TORRALHA, 2006, p.44).

Chamou atenção a forma como os participantes responderam às solicitações de palavras associadas ao envelhecimento, pois se deu, praticamente, unânime para todos os anos na primeira palavra solicitada, e conforme foram pedidas outras duas associações as respostas foram se divergindo sem diferenciação das categorias e qualidades da resposta, ou seja, foram unânicos na primeira palavra, foram desiguais na segunda solicitação (as respostas foram divididas entre os aspectos negativos e positivos) e foram novamente unânicos na terceira solicitação, porém nesta última prevaleceram os aspectos negativos. Assim, o que se pode afirmar sobre estes dados é que, em primeiro lugar, cursar diferentes anos na faculdade não influenciou nos resultados obtidos e, em segundo lugar, conforme cresceu o número de associações à palavra envelhecimento mais as respostas se aproximaram dos dados da pesquisa Torralha (2006) e das idéias defendidas por Arantes et al (2007) e Lima (2007). Porém, para ter certeza seriam necessárias pesquisas que abordassem um número maior de associações de palavras ao envelhecimento.

Como defende Moscovici (2003), as representações sociais são um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. O que pode ser concluído a respeito das representações sociais dos jovens sobre o processo de envelhecimento é que apesar de ter aparecido certa oscilação entre representações positivas e negativas pode-se observar ao longo da pesquisa características predominantes de valorização tanto sobre o envelhecer quanto sobre o idoso que envelhece.

Quanto às representações presentes na visão dos jovens alunos de Psicologia a respeito de seu próprio envelhecer puderam ser percebidas a capacidade de reconhecimento do processo de envelhecimento em suas vidas, apesar de estarem cronologicamente distantes da velhice. Este dado contradiz a idéia de que a sociedade elegeu uma fase para designar a velhice, como se o envelhecer só ocorresse dos sessenta anos em diante. Os sujeitos relataram acreditar que

envelhecer é um processo intrínseco e natural, tal como aponta Calderoni (2006). Assim, os indivíduos da pesquisa apontaram que reconhecem que o envelhecer é um fenômeno que começa desde o dia em que nascemos, e que se dá todos os dias.

Na amostra foram percebidas representações acerca da juventude como mais uma fase na vida e não o ápice em satisfações e acontecimentos. Os participantes apontaram que o bem-estar pode estar presente em qualquer faixa etária, assim como esperam desfrutar de suas velhices. Relataram que possuem as expectativas de que em suas velhices sintam satisfação e realização frente às experiências vividas, que possam viver o aumento de lazer e a diminuição das responsabilidades quando idosos e o fato de vislumbrarem a felicidade presente em suas velhices assim como em suas juventudes. Dessa forma, a relação que os jovens da pesquisa estabelecem com suas futuras velhices é de utilidade e valorização dos velhos que serão.

Cabe ressaltar que quando os sujeitos pensaram sobre a possibilidade de debilidade física em suas próprias velhices, isto trouxe sentimentos de temor e angústia. Ravner (*apud* Lesbaupin, 2006) resalta que para os idosos uma grande mudança em suas vidas é a passagem do papel de cuidador para o que necessita de cuidados. O impacto que tal transformação tem sobre a vida dos idosos é doloroso e pode gerar resistência no senescente em aceitar sua nova condição. Tal temor perante a transformação dos papéis pode ser percebido nos jovens da pesquisa, uma vez que estes, quando pensaram sobre suas velhices, se angustiaram com a possibilidade das limitações físicas.

Ao contrário do que observou Zimermam (2000) quanto ao estigma de velhice solitária que os jovens atribuem, não foi percebida a presença do sentimento de solidão quando os jovens da pesquisa pensaram sobre seu envelhecer. Os sujeitos relataram suas expectativas de não se sentirem solitários na velhice, e tampouco acreditam que seus afazeres terão conotação de chatos e desinteressantes.

Os resultados obtidos no presente estudo mostraram que a visão dos jovens estudantes sobre a velhice é muito semelhante àquela observada por Lesbaupin

(2006), que realizou sua pesquisa com idosos. Como demonstrou a autora, não havendo uma desqualificação social do idoso e de suas vivências, sua auto-imagem e identidade não são abaladas. Assim, não existindo, para a amostra do presente estudo, a idéia de que envelhecer é um processo de perda de sentido e significados, os idosos não se vêem como inúteis e inválidos. Diferentemente das expectativas de Lesbaupin (2006), os idosos do seu estudo disseram que se sentiam amparados e compreendidos pelo grupo social e que percebiam que a sociedade os via de forma positiva. A autora concluiu que os idosos possuíam uma auto imagem positiva, que se mostravam satisfeitos com o que eram, com o que faziam e com a vida que levavam. Portanto, foi possível observar que os dados deste estudo com jovens foram compatíveis com os dados da pesquisa com idosos realizada por Lesbaupin (2006), uma vez que os jovens da presente pesquisa relataram possuir uma postura frente aos idosos de valorização de suas experiências e vivências. Dessa forma, enquanto os jovens contribuem para uma imagem positiva frente aos idosos, os senescentes elevam suas auto estima e auto imagem, se sentindo amparados e compreendidos pelo âmbito social.

Outro fato semelhante entre o presente estudo e a pesquisa de Lesbaupin (2006) é que os senescentes da pesquisa avaliaram que o contato que possuíam com suas respectivas famílias era intenso, satisfatório e permeado pelo sentimento de utilidade no relacionamento com elas, o que pode ser verificado neste presente estudo com jovens, uma vez que a maioria da amostra relatou possuir contato com os idosos, de elevada intensidade e ocorrendo no âmbito familiar.

Com relação à percepção da sociedade sobre o idoso, os alunos desta pesquisa reconheceram mudanças no tratamento de como a sociedade cuidava dos idosos no passado e como eles são tratados hoje em dia. Porém três participantes deixaram de responder a essa questão, o que pode sugerir uma dificuldade em pensar sobre a evolução do tratamento social frente aos idosos.

Segundo os dados do Censo de 2000 (IBGE, 2006), já citados anteriormente, a população do Brasil está envelhecendo, portanto a questão do envelhecimento se

torna cada vez mais forte nas vidas dos indivíduos. A Gerontologia, como aponta Debert (1992), está mais presente no cotidiano dos indivíduos e a necessidade de explorar minuciosamente esta área cresce a cada dia. Assim, a respeito dos conhecimentos sobre Gerontologia, os participantes demonstraram que conhecem a área e que obtêm essas informações na faculdade e na família.

Quando indagados sobre suas estimativas a respeito da população do Brasil em 2030, a maioria relatou que os idosos serão a maior faixa etária, o que sugeriu um reconhecimento do crescimento da população idosa. Porém quando foram diretamente perguntados sobre sua opinião à respeito da afirmação “O Brasil é um país que caminha para o envelhecimento”, o fenômeno de envelhecimento do país, estes relataram que não concordaram com a afirmação. Assim, os conhecimentos que os alunos de Psicologia possuem a respeito da Gerontologia não são claros, mas contraditórios. Isto leva-nos a pensar sobre as informações recebidas na faculdade e no ambiente familiar que podem estar carecendo de clareza para diminuir as contradições já vistas. Dessa forma, faz-se importante pesquisar sobre como os alunos recebem estas informações e como elas são transmitidas para que haja o esclarecimento dos alunos.

É importante também salientar que este fenômeno do envelhecimento populacional não está distante. Este é um fenômeno que está acontecendo, no “aqui e agora”, e que a certeza de que irá se concretizar torna-se mais forte a cada dia, o que revela ser vital promover debates, reflexões e investigação sobre o tema para que tenhamos profissionais da área de Psicologia preparados para lidar com as questões e desafios que irão surgir.

É necessário apontar que a amostra deste estudo contou com diferenças quanto ao número de alunos por ano cursado, era na grande maioria do sexo feminino e com idade menor a 24 anos. Atenta-se também para o fato de que a pesquisa foi realizada com alunos de uma universidade particular do estado de São Paulo. Como defende Sá (1996) as representações sociais de uma determinada realidade social está entrelaçada por um “conjunto de elementos de natureza muito

diversa: processos cognitivos, inserções sociais, fatores afetivos, sistemas de valores (...)” (p. 32). Possivelmente, se o estudo fosse realizado com uma amostra diferente em um local diferente e com jovens que não possuísem tal grau de instrução os dados obtidos poderiam ser outros.

## **Conclusão**

O que pode ser concluído a respeito das representações sociais dos jovens sobre o processo de envelhecimento é que apesar de ter aparecido certa oscilação entre representações positivas e negativas pode-se observar ao longo da pesquisa características predominantes de valorização tanto sobre o envelhecer quanto sobre suas futuras velhices.

Refletir sobre a extrema importância de um contato com idosos para além da família e em como os cursos de Psicologia poderiam ajudar no incentivo do contato profissional e trazer para o cotidiano dos indivíduos outras questões que permeiam o processo de envelhecimento além daquelas observadas no âmbito familiar.

A Gerontologia está mais presente no cotidiano dos indivíduos e a necessidade de explorar minuciosamente esta área cresce a cada dia. É importante salientar a promoção de debates, reflexões e investigação sobre o tema para que tenhamos profissionais da área de Psicologia preparados para lidar com as questões e desafios que irão surgir.

## Referências Bibliográficas

ARANTES, Rodrigo Caetano et al. Um breve ensaio sobre a aceitação da beleza na efemeridade dos corpos. *Revista Kairós*, São Paulo, v.X, n. 2, p. 22-46, 2007.

BRUNO, Valda Bernardes de Souza. *A transformação na última fase da vida*. São Paulo, 2002. 148p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CALDERONI, Sila Zugman. *O mestre em Gerontologia e a perspectiva da própria velhice*. São Paulo, 2006. 261p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n.34, p.34-48, 1992.

FESSARDI, Andressa dos Anjos. *Representação Social do câncer de mama em professoras universitárias*. São Paulo, 2006. 34p. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Plano Editora, 2003.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 março de 2008.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Populações e Indicadores Sociais, Censo Demográfico 2000, 2000.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Populações e Indicadores Sociais, Síntese de Indicadores Sociais 2006, 2006.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Populações e Indicadores Sociais, Projeção da População do Brasil, Indicadores Sociodemográficos – 1991 – 2030, 2006.

JUNG, Carl Gustav (1916). *Psicologia do Inconsciente*. In: *Obras Completas de C. G. Jung*, vol. VII/1. 15ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LESBAUPIN, Sandra Forjaz. O idoso por ele mesmo. *Revista Kairós*, São Paulo, v.9, n.2, p.51-68, 2006.

LIMA, Cristina Rodrigues. *Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Campinas, 2007. 268p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NERI, Anita Liberalesso. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

PRADA, Cecília. *O que você vai fazer com os seus cem anos?* Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/conferencias>>. Acesso em: 24 de setembro de 2008.

PRADA, Cecília. Revolução dos Velhos. *Revista Problemas Brasileiros*, São Paulo, nº 349, p. 39-49, jan/fev de 2002.

SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SPINK, Mary Jane Paris. O estudo empírico das Representações Sociais. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.). *O conhecimento no cotidiano: as Representações Sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 85-108.

TORRALHA, Ruth. Envelhecimento e “cuidado de si”. *Revista Kairós*, São Paulo, v.9, n.2, p.191-208, 2006.

WUO, Andrea Soares. *Representações Sociais de alunos e professores sobre a Síndrome de Down*. São Paulo, 2005. 202p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ZIMERMAN, Guite I. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

### **Bibliografia Consultada**

LESSING, Doris. *Se Os Velhos Pudessem*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LESSING, Doris. *O Diário de uma Boa Vizinha*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

MACHADO, Raíssa Ducatti Lino. *A vivência da terceira idade à luz da Psicologia analítica*. São Paulo, 2005. 62p. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MANZOCHI, Luis Antônio. *Aspectos emocionais em relação ao envelhecimento dos freqüentadores de uma universidade para a terceira idade*. São Paulo, 2001. 121p. Dissertação ( Mestrado em Gerontologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SANTOS, Nádía Maria Weber. Etapas psicológicas da vida humana e envelhecimento saudável, segundo a Weltanschauung da Psicologia Analítica. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, p.11-21, julho/dezembro, 2006.

# **Anexos**

**Anexo 1**  
**Questionário**

Este questionário faz parte do meu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso. Contém 35 perguntas que abordam a visão que o jovem aluno de Psicologia possui sobre o envelhecimento. Procura abordar como o jovem vivencia o processo de envelhecer em si próprio e nos outros. É importante que você responda a todas as questões verificando se não “pulou” nenhuma de forma mais fiel possível ao que você pensa. Lembre-se de que não é preciso se identificar. Agradeço pela sua colaboração!

1. Idade:

- (1)  até 20 anos                      (2)  de 21 a 23 anos                      (3)  de 24 a 25 anos

2. Sexo:

- (1)  Feminino                      (2)  Masculino

3. Ano que está cursando na Faculdade:

- (1)  Primeiro                      (2)  Segundo                      (3)  Terceiro  
(4)  Quarto                      (5)  Irregular

4. Possuiu contato com idosos em seu cotidiano?

- (1)  Sim                      (2)  Não

5. Em que contexto se dá este contato?

- (1)  Familiar (avó, avô, tios, pais)                      (2)  Profissional (estágios, empregos)



10. Não há razão pela qual um velho deva permanecer inativo. (\_\_\_\_\_)
11. A vida oferece pouco aos velhos, além de preocupação e desconforto. (\_\_\_\_\_)
12. A velhice é o período mais sombrio da vida. (\_\_\_\_\_)
13. É melhor morrer cedo do que enfrentar a velhice nesta sociedade. (\_\_\_\_\_)
14. É possível continuar tendo companheirismo na velhice. (\_\_\_\_\_)
15. A velhice permite que se constate que toda a vida valeu a pena. (\_\_\_\_\_)
16. Ao pensar no meu envelhecimento eu me sinto apreensivo. (\_\_\_\_\_)
17. De um modo geral eu espero desfrutar a velhice. (\_\_\_\_\_)
18. Conto com o aumento de lazer e a redução da responsabilidade que a velhice permite.  
(\_\_\_\_\_)
19. Pensar na debilidade física que ocorre na velhice me aterroriza. (\_\_\_\_\_)
20. Espero continuar me sentindo bem ao meu respeito, independentemente da idade.  
(\_\_\_\_\_)
21. Quando eu ficar velho, a maior parte das coisas que farei serão chatas e desinteressantes. (\_\_\_\_\_)
22. Quando ficar velho, acho que estarei satisfeito com aquilo que consegui na vida.  
(\_\_\_\_\_)
23. Eu acho que vou me sentir solitário (a) na velhice. (\_\_\_\_\_)
24. Tenho horror em pensar que posso sobreviver ao meu cônjuge ou pessoa amada.  
(\_\_\_\_\_)

25. Acredito que na velhice eu me sentirei tão feliz quanto me sentia quando era mais moço (a). (\_\_\_\_\_)

26)A. Você consegue reconhecer o processo de envelhecimento em sua vida?

(1)  Sim                      (2)  Não

26)B. Justifique

---

---

---

---

---

27. Você vê mudanças na forma como a sociedade tratava os idosos?

(1)  Sim                      (2)  Não

28. Como os idosos são tratados, hoje em dia, pela sociedade?

---

---

---

---

---

29. Você sabe o que é Gerontologia?

(1)  Sim                      (2)  Não

30. Se sim, de onde obteve ou obtém informações?

---

---

---

---

31. Você diria que, hoje em dia, a população do Brasil tem mais:

- (1)  Crianças (0-10 anos)                      (2)  Jovens (11-25 anos)
- (3)  Adultos (26-59 anos)                      (4)  Idosos (Acima de 60 anos)

32. Quais as estimativas de maior crescimento etário populacional para o Brasil em 2030?

- (1)  Mais crianças (0-10 anos)                      (2)  Mais Jovens (11-25 anos)
- (3)  Mais adultos (26-59 anos)                      (4)  Mais Idosos (Acima de 60 anos)

33. O que você acha sobre a afirmação: “O Brasil é um país que caminha para o envelhecimento”?

- (1)  Concordo Completamente
- (2)  Concordo
- (3)  Indiferente
- (4)  Discordo
- (5)  Discordo Completamente

34. O que achou deste questionário? Assinale quantas alternativas quiser:

- (1)  Abordou os temas.                      (5)  Claro.
- (2)  Não abordou os temas.                      (6)  Difícil entendê-lo.
- (3)  Fácil respondê-lo.                      (7)  Coeso com a proposta.

(4)  Cansativo.

(8)  Incoerente com a proposta.

35. O que mais você acha importante para a realização da presente pesquisa e que não foi abordado?

---

---

---

---

---

## Anexo 2

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### Dados de Identificação do Sujeito da Pesquisa

Nome: \_\_\_\_\_

Número do Documento de Identidade: \_\_\_\_\_

Sexo: M  F

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ n° \_\_\_\_\_

Complemento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: DDD(\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

#### Dados sobre a Pesquisa Científica

Título do Protocolo de Pesquisa: A visão do Jovem sobre o Envelhecimento – um estudo de Representação Social

Responsável pela Pesquisa: Dra. Fani Eta Korn Malerbi

Cargo/Função: Professora da Faculdade de Psicologia da PUC - SP

Inscrição Conselho Regional nº : 06 1924

Avaliação do Risco da Pesquisa: Sem Risco

Duração da Pesquisa com o Participante: 30 minutos

#### Registro das Explicações da Pesquisadora ao Sujeito sobre a Pesquisa, consignando:

##### **O objetivo do presente estudo é:**

Identificar as Representações Sociais presentes no olhar dos jovens alunos do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sobre o envelhecimento.

##### **Os procedimentos utilizados serão:**

- O presente estudo é de participação voluntária.
- Concordando em participar da pesquisa, fornecerá respostas a um questionário com trinta e nove perguntas que abordam suas percepções relativas ao envelhecimento, o idoso, a juventude e a área de Gerontologia. Estas informações serão utilizadas na elaboração e análise de meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) sem que você seja identificado. O estudo estará acessível na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri no campus Monte Alegre da Puc-SP.
- Saliento que os participantes não correrão nenhum risco.

**Esclarecimento dados pela Pesquisadora sobre garantias do Sujeito da Pesquisa:**

1. Acesso, a qualquer momento, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
2. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo
3. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

**Informações da Responsável pelo acompanhamento da Pesquisa, para contato em caso de intercorrências clínicas e reações adversas**

Nome: Fani Eta Korn Malerbi

Endereço Profissional: Rua Monte Alegre, nº 984

Bairro: Perdizes

Telefone: (11) 3670-8320 Fax: (11) 3670-8157

Endereço Eletrônico: fanimalerbi@terra.com.br

**Consentimento Pós-Esclarecido**

Declaro que, após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura da responsável pela  
pesquisa